

Letalidade da polícia do Rio é 10 vezes maior que a de Pernambuco, diz estudo

Rede de Observatórios de Segurança identifica que 49% das ações policiais no Rio tiveram vítimas, contra 5% em Pernambuco. Em São Paulo e na Bahia, índice chega a 12%

Silvia Ramos, Pablo Nunes e Anabela Paiva

26 de novembro de 2019

FOTOARENA/FOLHAPRESS



O Rio se destaca no monitoramento não só pelo número de operações policiais (54% do total), mas pela sua letalidade: 49% das ações monitoradas tiveram vítimas

Os homicídios são a ponta do iceberg da violência no Brasil. Onde os homicídios são frequentes, espancamentos, medo e ameaças habitam o cotidiano de milhões de pessoas. Esses acontecimentos, na maioria das vezes sem mediação ou resolução, compõem a base invisível de fenômenos de violência e criminalidade no país. Sua repetição diária cria a cultura que contribui para banalizar os mais de 60 mil homicídios que o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública registrou no ano passado – principalmente se as vítimas forem as de sempre: jovens pobres e negros, moradores das áreas mais pobres das cidades.

A Rede de Observatórios da Segurança foi criada na tentativa de mapear essa montanha submersa de agressões e hostilidades. A Rede monitora diariamente os fenômenos da violência, não só a partir da leitura atenta e crítica dos números oficiais das polícias, mas também levantando fatos não publicados pelos governos, como ações associadas ao policiamento, tais como operações

policiais, corrupção, excessos e mortes de agentes. Também são acompanhados com o máximo de detalhes crimes contra indivíduos LGBTI, racismo, violências contra mulheres, crianças e adolescentes e dentro de sistemas penitenciários e socioeducativos, ataques, linchamentos e chacinas.

Em junho, iniciamos o monitoramento em cinco estados com equipes locais formadas pelas organizações que compõem a rede: INNPD, da Bahia; LEV/UFC, do Ceará; Gajop, de Pernambuco; CESeC, do Rio de Janeiro; e NEV/USP, de São Paulo. De junho a outubro, vasculhando diariamente dezenas de veículos jornalísticos de cada estado, além de contas de redes sociais e grupos de mensagens, registramos 4.764 fatos.

A primeira percepção é: como é espesso o véu de silêncio que encobre o racismo e o viés racial de quase todos os fenômenos de violência! Em cinco meses, monitoramos apenas 14 casos onde houve denúncia explícita de racismo ou injúria racial. Em dois deles, estudantes universitários negros fizeram boletins de ocorrência por agressões de vigilantes (na Rodoviária de Salvador e na Universidade Federal do Ceará). Quantas centenas de casos semelhantes ocorreram nesses cinco estados, sem que a violência fosse denunciada à polícia e chegasse à mídia? Em São Paulo, uma mãe deu queixa à polícia depois que seu filho negro foi impedido de ficar em um shopping. Quantas situações de racismo já foram vividas por crianças e adolescentes negros e negras em shoppings pelo país, sem registro de ocorrência criminal?

Uma segunda surpresa foi o grande número de feminicídios registrados. Enquanto apenas 29% de todos os homicídios contra mulheres em 2018 foram classificados como feminicídios, em nosso monitoramento, entre os 518 casos de violência contra mulheres que analisamos, 39% foram classificados como feminicídios e 42%, como tentativas de feminicídios ou agressões físicas. Agressões sexuais (incluindo estupros) somaram 15%. Percebe-se, por esse grande volume de notícias, que o país começou a falar sobre o assunto – ainda que apenas uma fração dos casos seja noticiada. Vale registrar, ainda, um número preocupante de relatos de violências contra mulheres orientadas por facções do crime, com o objetivo de controlar jovens e adolescentes ou punir membros das gangues ou devedores por meio de agressões às suas mulheres. Devemos observar com atenção se os casos monitorados expressam uma tendência nova de combinação de violência de grupos armados com violência de gênero.

Uma terceira conclusão impactante é o protagonismo das forças policiais nas narrativas sobre segurança pública e violência: 61% das entradas no banco de dados da Rede são relacionadas a operações e patrulhamentos, abusos, vitimização e corrupção das polícias. Em parte, esse protagonismo retrata a forte presença de agentes e corporações policiais em aplicativos de comunicação e páginas de redes sociais no campo de informações sobre violência e segurança.

De junho a outubro, registramos 2.658 operações (grupos de policiais destacados para cumprir um objetivo específico) e patrulhamentos (ações cotidianas de ronda ou “baseamento”). Em 28% destas ações policiais houve mortos e feridos.

Mas esse valor varia significativamente entre os estados. O Rio de Janeiro se destaca não só pelo número de operações policiais (54% do total), mas pela sua letalidade: 49% das ações monitoradas tiveram vítimas. São Paulo e Bahia registraram percentuais inferiores: 11% e 12%, respectivamente. Pernambuco e Ceará somaram 5% e 3% das operações com vítimas. Quando contabilizamos as chacinas (três mortes ou mais num único evento), também observamos forte presença policial: quase metade das chacinas nos cinco estados contou com a participação de policiais.

A experiência da Rede não está centrada apenas na coleção de números. Sabemos que captamos uma parte dos fatos violentos que ocorrem na sociedade. Nessa experiência, priorizamos o entendimento, a análise e a comunicação sobre os fenômenos da violência e da segurança. Com esse trabalho, esperamos apontar tendências e alertar gestores públicos e formadores de opinião para fenômenos da sociedade brasileira que costumam ser minimizados ou, por vezes, não percebidos. Só conhecendo a fundo o oceano de agressividade que marca as nossas vidas poderemos desenhar estratégias efetivas para transformá-las.

Link do Relatório:

<http://observatorioseguranca.com.br/wp-content/uploads/2019/11/1relatoriorede.pdf>

Silvia Ramos, Pablo Nunes e Anabela Paiva

Coordenadores da Rede de Observatórios de Segurança do CESeC - Centro de Estudos de Segurança e Cidadania.

<https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-k3myc-mha8o-7ijz3>

